

UFT UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA CIMBA
CURSO DE HISTÓRIA

ADILSON RODRIGUES

**A “BOA MORTE” NOS LIVROS DE MEMÓRIAS DE FRADES
DOMINICANOS NO ANTIGO NORTE DE GOIÁS (1882-1940).**

**ARAGUAÍNA
2017**

ADILSON RODRIGUES DA SILVA

**A “BOA MORTE” NOS LIVROS DE MEMÓRIAS DE FRADES DOMINICANOS NO
ANTIGO NORTE DE GOIÁS (1882-1940).**

**Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em
História da Universidade Federal do Tocantins, como
requisito para obtenção do grau de Bacharel em
História.**

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Caixeta.

**ARAGUAÍNA
2017**

ADILSON RODRIGUES DA SILVA

**A “BOA MORTE” NO LIVRO DE MÉMORIA DOS FRADES DOMINICANO NO ANTIGO
NORTE GOIANO (1882 A 1940).**

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Vera Lúcia Caixeta
(Orientadora)**

Prof. Dr. Marcos Edilson Clemente

Prof. Dr. Martha Victor Vieira

Coordenador do Curso

Conceito final: _____

DEDICATORIA

Agradeço ao meu Deus por me guiar e nunca me desamparar, por está comigo nas horas boas e ruins. Sou grato pela minha família pelo apoio, minha mãe e meu pai pelo direcionamento, sou feliz por te amigos que marcaram a minha história, principalmente Lusinaldo da Silva e Maria dos Santos. Não poderia deixar de citar a minha enorme felicidade de ser orientado pela magnífica professora e amiga Vera Lucia Caixeta.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente ao meu Deus pela magnitude da sua misericórdia, pela sua proteção, por sua glória em minha vida, por sempre estar comigo me direcionando nas minhas escolhas. Eu agradeço ao meu Deus por me conceder essa vitória, pelos ensinamentos, por nunca deixar de acreditar em mim. Obrigado senhor, pelo privilégio de está em minha vida, em minha História.

Não poderia deixar de agradecer a minha família, pela paciência, pela compreensão. Agradeço a minha mãe, por ser o meu braço forte, pelo sacrifício que teve que passar para poder presenciar a minha vitória. Essa conquista também tem o apoio do meu pai, os seus conselhos e sua paciência me ajudaram a seguir a dura caminhada rumo a minha vitória.

Aos meus grandes amigos que conquistei dentro e fora da instituição, como a minha grande e eterna amiga, Maria dos Santos, que me chama de “filho”, obrigado por tudo, pela ajuda, pelos conselhos, os seus ensinamentos levarei por toda a minha vida. Sou grato ao meu amigo Lusinado da Silva, uma pessoa que sempre esteve comigo nas horas boas e ruins, te agradeço por resolver os meus problemas na área burocrática, por me emprestar, mesmo sem poder, o notebook, dinheiro e tantas outras coisas que me ajudaram a concluir o meu curso. Não poderia deixar de citar o nome da minha eterna amiga, Fernanda, a “Fernandinha”, pelos grandes debates realizados dentro da instituição, espero que possamos um dia nos encontrarmos. Agradeço aos meus colegas que pude conhecer durante o tempo em que estive na faculdade, ao Jardel Cordeiro, Cristiane, Marcos pereira, Ivanete, Nilva Siqueira, Kelma, Otacilio e tanto outros que me ajudaram.

A minha orientadora, Vera Lucia Caixeta que me ajudou durante a minha graduação, obrigado professora pelos debates, pelo direcionamento, por sempre está em todos os momentos que precisei, a senhora me acolheu como filho e a única coisa que posso lhe oferecer é os meus agradecimentos, o meu respeito e a minha admiração. Agradeço aos meus professores e em especial ao professor Marcos Edilson Clemente e a professora Martha Victor Viera por se disponibilizarem a fazer parte da minha banca de monografia.

RESUMO

O objetivo desse trabalho tem como perspectiva analisar as narrativas da “boa Morte” pra os frades dominicanos, homens religiosos que estabeleceram no Brasil e especialmente no Extremos norte de Goiás. O documento a ser analisado é a Coleção de Memoria Dominicana, organizado pelo Frei Alano. A metodologia a ser aplicada trata-se de uma referencia bibliográfica da analise das narrativas referida a “boa morte” dos frades Dominicanos. Ao olhar para a temática da morte percebe-se que ela passou de algo natural para ser encarada como um tabu. Os debates referida sobre a morte perdeu o seu espaço social, nesse sentido, percebe-se a importância da realização desse trabalho, em trazer para o campo da História um tema relevante.

Palavra Chave- Dominicanos, Extremo Norte Goiano, “Boa Morte”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 Capítulo I O HOMEM DIANTE DA MORTE NOS LIVROS DE MEMÓRIA DOS FRADES DOMINICANOS.....	15
1.1 Frei Gil Vilanova.....	18
1.2 Frei Estevão Gallais.....	20
1.3 Frei Dom Domingo Carrerot.....	21
1.4 Ritos e devoções Dominicanas.....	22
2 Capítulo II CONCEPÇÕES DE BOA MORTE PARA OS FRADES DOMINICANOS.....	27
2.1 A Morte de Frei Gil Vilanova....	29
2.2 A Morte de Frei Gallas.....	31
2.3 A Morte de Dom Domingos Carrerot.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
BIBLIOGRAFIA.....	40

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem por objetivo analisar as narrativas sobre a “boa morte” nos livros de memória dos frades da Ordem dos Pregadores, no antigo norte goiano entre os anos de (1882 a 1940). Esses missionários vieram da França e da Itália, adentraram no Brasil, especialmente na diocese de Goiás, com o projeto de catequizar os povos indígenas e os sertanejos, além de trazer a “verdadeira civilização¹” para os indivíduos que viviam na região. Percebe-se que catequização e civilização dividiam o mesmo espaço no imaginário dos sujeitos católicos dominicanos.

A morte é um tema transdisciplinar por excelência. Os rituais que a envolvem interessa tanto à psicologia, à sociologia, à antropologia como também para a história. Esta temática se justifica pela necessidade de tornar inteligíveis as narrativas dos frades dominicanos sobre a “boa morte”. Quando se olha para a temática da morte, percebe-se que ha uma carência de pesquisa sobre a mesma, nesse sentido, não se pode esquecer os novos problemas, novos objetos e novas metodologias propostas pelos historiadores franceses, desde a década de setenta. Recorremos também ao conceito de cotidiano. Certeau (2002) entende o cotidiano como um lugar de sobrevivência, como meio de criatividade, um lugar da invenção que produz criatividade com a finalidade de driblar as normas e as dificuldades apresentadas no meio social.

Os frades da Ordem dos Pregadores, também chamados de dominicanos, estabeleceram-se na diocese de Goiás a partir de 1882 e fundaram seus conventos em Goiás², inclusive em Porto Imperial (1886), escreviam e publicavam suas narrativas, em dois locais específicos, nas revistas *Missions Dominicaines* e na *La Vie dominicaine*, periódicos católicos publicados na França. Foi no final do século XX que um Frade dominicano, Frei Alano teve a iniciativa de reunir essas memórias fazendo a edição brasileira: a Coleção de Memória

¹Definir o conceito de “civilização” para nós pode aparecer como algo difícil, pois reverem-se a uma grande variedade de fatos: as idéias religiosa, o conhecimento tecnológico, os hábitos, ou ate mesmo, o modo como ser organiza a sociedade. O autor Elias salienta que, o conceito de “civilização” expressa uma ideia de progresso, algo que esta em movimento incessantemente “para frente”. Nesse sentido, “Civilização dizem muito para o iniciado e pouquíssimo para o estranho, nunca ser torna plenamente entendida para aqueles que não fazem parte do grupo e compartilha tais experiência, que não falam a partir da mesma situação” (ELIAS, 1994, p. 26).

²A diocese para a qual foram chamados em 1882, os primeiros dominicanos missionários, tem sua sede em Goiás , capital de um dos 20 Estados da federação. A diocese pois abrangia o Triângulo Mineiro que forma a diocese atual de Uberaba .

Dominicana. Enfim. é um documento que representa o desejo de um grupo de homens religiosos de propagar a memória das suas ações, além de influenciar na construção da identidade da ordem dominicana no Brasil.

Os documentos utilizados para a realização dessa pesquisa foram publicados em forma de artigos, livros de memórias e relatórios de viagens. Como se sabe, a Coleção Memória Dominicana, que reunia uma ampla variedade de memória daqueles frades que batalharam como missionários, deixando sulcos profundos em sua passagem: “sua vida, seus trabalhos” (FREI ALANO, 1934, p. 1). Trata-se de um periódico semestral publicado no Brasil a partir do final da década de 1980 e na década de 1990. Ela contém 52 fascículos³. Os seus primeiros volumes apresentam narrativas sobre as experiências missionária no Brasil Central. Cartas, narrativas de viagens e notícias sobre a catequese indígena, além de volumes específicos sobre os indígenas da região.

Para a realização dessa monografia foram analisados alguns importantes volumes da Coleção Memória Dominicana: Frei Gil Vilanova v.1, Frei Estevão Gallas v.4, Frei Gil Vilanova e suas excursões em excursões em busca dos índios v.8, Dom Domingos Carrerot v.11 e Cartas do Brasil por Frei Gallas, v; 12. Estes volumes foram elaborados a partir da experiência que dos frades da Ordem dos Pregadores (O.P) em contatos com os povos da região. Eles podem revelar formas de crer e de viver dos sertanejos e indígenas da região. Além, do periódico recorreremos também aos livros escritos pelos missionários, como “O apóstolo do Araguaia” escrito em 1906, por Frei Gallas, tendo como eixo central a vida e a morte de Frei Gil Vila Nova, as obras do Frei José Maria Audran “Entre sertanejos e Índios”,

³ O primeiro volume da coleção de memória dominicana são as bibliografias : O v.1 Frei Gil Villanova apóstolo dos índios (1851-1905), por Frei Ephrem Lauziere em 1934. O v.2 Frei Vincente de Mello: primeiro dominicano brasileiro (1854-1881), por Frei Reginaldo Fortini. O v.3 Frei Guilherme Vignau: missionário companheiro de Frei Gil Vilanova(1865-1903), por Frei Ephrem Lauziere (1938). O v. 4 Frei Estevão Gallais e sua Obra Missionaria, por Frei Ephrem Lauziere (1939). O v.5 Frei Angelo Dargaignaratz (1854-1881), por Frei Ephrem (1938) e o v.6 Frei Raimundo Anfossi (1858-1915), por Frei Ephrem (1938). Ov.7 Frades Dominicanos no Brasil, por Frei Jacinto Lacomme (1922). O v.8 Frei Gil de Vilanova e suas excursões Missionárias em Busca dos Índios, sem autor e sem data. O v.9 Frei Antonio Sala, por Frei R. Bonhomme, 1937. O v.10 Rádio Educadora do Araguaia, por Frei Alano Porto Nacional, sem autor e sem data. O v. 11 D. Frei Domingos Carrerot: Bispo de Porto Nacional, sem autor e sem data. O v. 12 Cartas do Brasil, por Frei Estevão Gallais, são 83 páginas, escritas entre 1900 2 1901. O v. 13 Missões Populares Dominicanas, por Frei Alano, sem data. O v.14 Crônicas das Missão em Conceição do Araguaia (1896-1938), organizado por Frei Alano, reproduz artigos publicados nas revistas francesas da ordem e cartas enviadas pelos missionários aos seus superiores, o mesmo foi feito no v.15 Crônicas da Missão Dominicana em Porto Nacional (1877-1936).

publicados em 1946⁴, preocupando-se em analisar a vida e a morte de Dom Domingos Carrerot, e, por fim, “Os sertanejos que eu conheci”, publicado em 1963⁵, buscou analisar o cotidiano dos sertanejos e revela que o tema da morte estava presente e orientava o comportamento das pessoas.

Porém, sabe-se que, na narrativa memorialista é sempre uma visão em retrospectiva e precisa ser contextualizada. São documentos de relevância para a coleta de informações e que possibilita construção de um novo olhar sobre a história da morte no antigo norte de Goiás. Com a revolução provocada nos estudos históricos no século XX, os historiadores romperam com o equívoco de tratar a documentação como reflexo fiel do passado, não se defende a neutralidade nas fontes pois elas carregam as imagens que uma dada instituição pretendeu propagar de si própria em dado momento. Nas palavras de Le Goff: “O documento não é inócuo. É antes de tudo, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, e da sociedade que a produziram”(LE GOFF, 2003, p. 538).

Sabe-se que é papel do historiador no processo de análises [...] “desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos” (LE GOFF, 2003, p. 548). Carlos Ginzburg, na sua obra; *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário* já volvia seu olhar para essa discussão. Essa nova proposta que traz aspecto cultural específico

⁴Sobre os indígenas ver os seguintes números: v.28 Face a face com os Garotires, extraído das MissionsDominicaines, de 1932, de Frei Luiz Palha. O v.29 Índios Carajás, Frei Luiz Palha, extraído das MissionsDominicaines, 1930. O v.30 Xavantes: os fantasmas da mata virgem, Frei Luiz Palha, extraído das MissionsDominicaines, 1937. O v.32 Índios da Prelazia de Conceição do Araguaia, extraído das MissionsDominicaines, 1938. O v. 33 Índios Tapirapés, extraído do Mensageiro do Rosário, 1915 e das MissionsDominicaines, 1925. O v.35 Lendas e Costumes indígenas, extraído Mensageiro do Rosário, 1939. O v. 36 Tribos indígenas na Prelazia de Conceição do Araguaia, Mensageiro do Rosário, 1938. O v.39 Reminiscências Missionárias, por Luiz Palha, extraído do Mensageiro do Rosário, 1939.

⁵ Os sertanejos que eu conheci esta dividida em duas partes. A primeira parte contém dez capítulos, todos esses capítulos apresentam algumas características comuns entre os sertanejos. O çap. I, II e III trata das caçadas e das pescarias dos sertanejos. O cap. IV. Trata do trabalho do sertanejo. O çap. V sobre a alimentação, produtos alcançados através da caça, da pesca e da lavoura. O cap. VI apresenta as moradias dos sertanejos, os móveis e as construções das casas. O cap. VII fala sobre as vestimentas dos sertanejos, as confecções de roupas de algodão, de pele e das fibras. O cap. VIII trata dos tipos de doenças comum na região e os remédios utilizados para combatê-las. O cap. IX trata das viagens dos sertanejos. A segunda parte da obra apresenta sobre as “mentalidades e costumes dos sertanejos”, ela contém dez capítulos. O cap. I narra sobre as características dos sertanejos, ou seja, a sua forma física e seus traços artísticos. O cap. II, III e IV trata da religiosidade popular com as formas dos rituais, das festas, dos sentimentos religioso, das promessas, das orações oferecidas aos santos, das superstições como os feitiços, as pragas, o quebranto etc. O cap. V. trata da família, sobre a realização dos casamentos e dos funerais. O cap. VI trata do convívio dos sertanejos e as suas sociabilidades. O cap. VII trata da relação do governo com os sertanejos. O cap. VIII fala sobre os deveres e direitos dos povos sertanejos. O cap. IX discute sobre as relações entre os índios e os sertanejos. O cap. X narra sobre as violências ocorridas em Goiás, a imposição dos jagunços, as lutas armadas e as características dos jagunços.

da época, a partir da finalidade de analisar o particular do objeto, está centrado na decifração de signos marginais, formas consideradas insignificantes contida no objeto, que para Ginzburg, são reveladores no processo de análise do historiador.

Dessas memórias, selecionamos três narrativas, trata-se das ações do missionário Frei Gil de Vilanova, o “apostolo dos índios”, fundador de Conceição do Araguaia-Pa. O segundo, atentou-se para as ações de Frei Gallas, que exercia o cargo de visitador da obra Missionária Dominicana e entre 1886 a 1907, visitou a região por quatro vezes. E por ultimo, não mais importante, a bibliografia do Frei Dom Domingo Carrerot, primeiro prelado de Conceição do Araguaia (1911-1920) e o primeiro bispo de Porto Nacional (1920-1933). Recortamos nossa análise na percepção desses sujeitos sobre a morte na região. Sabe-se que a prática da narração é sempre algo seletivo, que tem como finalidade atualizar as memórias dos sujeitos e sobre os sujeitos sociais e dos seus respectivos grupos.

Como salienta Sobral (2006, p. 8) “A memória é um processo sempre em revisão, sendo reatualizada em cada presente. Ela também o produto de experiências individuais ou coletivas. Analisando as fontes percebe-se que existe uma memória de um grupo, que é a memória dos frades dominicanos, e que entre eles foram selecionados, o que poderia ser dito e o que não poderia. Parte dessas narrativas é escrita como forma de obediência, como o dever dos missionários de escrever para seus superiores, nesse sentido, eles precisam prestar conta dos seus trabalhos, dos avanços já realizados e das dificuldades enfrentadas. Elas também foram utilizadas para fazer a propaganda da obra missionária na França e levantar recursos para o seu financiamento entre os católicos franceses.

Através das narrativas buscou-se compreender o significado da “boa morte” para os frades dominicanos. Muito diferente do significado da morte no passado da região, é a concepção da morte e do morrer na sociedade contemporânea. A morte é tida como tema interdito, proibido, vergonhoso e como tabu. Evita-se falar da dor e da morte, a morte é ocultada, mascarada. O homem vem buscando na ciência formas para prolongar a vida. A valorização dos bens materiais, o sentimento egocêntrico; começou a despertar o desejo de adiamento da morte, para que pudesse desfrutar a vida. Os mortos contemporâneos passaram a ser encarados como um tabu público, passando pouco a pouco a serem velados e enterrados privadamente, pelo círculo íntimo da família, a morte agora representa algo

caótico, pois ela aparecia como uma ruptura no cotidiano, permanecendo assim só as lembranças dos vivos sobre os mortos.

Para Kubler – Ross (1989, p.19) “Quanto mais avançamos na ciência, mais parece que tememos e negamos a realidade da morte [...] morrer se torna um ato solitário e impessoal.” As transformações que o ato de morrer implica em alterações sobre a memória dos mortos. “Enquanto os vivos podem dispor de uma memória técnica, científica e intelectual cada vez mais rica, a memória parece afastar-se dos mortos”. (LE GOFF, 2006 p. 456). Do final do século XVII até o final do século XVIII, de acordo com Philippe Ariés, o espírito comemorativo sobre os mortos entra em declínio. As sepulturas deixam de ter importância no imaginário social e os cemitérios tornam-se desertos e mal cuidados.

Mara Regina do Nascimento, no seu artigo, *culto aos mortos, as memórias e as sensibilidade*, inicia sua discussão propondo uma reflexão sobre os sinais do morrer e da memória da morte presentes no cotidiano urbano, além disso, busca entender a dimensão do significado da palavra “conforto” para a sociedade contemporânea. Segundo Nascimento, os lugares dos mortos não estão ausentes para os habitantes da cidade contemporânea, eles postam-se juntos a símbolos que os identificam, como cruces, os mausoléus, as lápides e os jardins- sepulturas. Os cemitérios contemporâneos e os arrançados e sofisticados espaços de velório encontram-se abraçados por prédios comerciais, residências, escolas, agencias bancarias, etc, ou seja, divide espaço com a vida mais pulsante do cotidiano urbano.

A presença dos lugares de sepultamentos ou de velórios faz-se hoje imersa e unida à paisagem cotidiana, a tal ponto que dela não pode mais se desligar. O adensamento das cidades contemporânea, tem provocado um retorno da convivência diária entre mortos e vivos, porem sob um novo enquadramento. O “conforto” da alma angustiada e doente só poderia ser aliviada pelo o santo ministrador, protetor do corpo doente, débil, enfraquecido e suscetível aos perigos do demônio ou pelos membros eleito pela a igreja católica, com a finalidade de leva a palavra de Deus para as pessoas angustiada, nesse sentido, para a autora, ainda a permanências no imaginaria da sociedade contemporânea que o verdadeiro conforta da alma só está onde a palavra de Deus é corretamente administrada. O “conforto” da alma, segundo Nascimento, acarretava em uma serie de aconselhamentos cristão, como forma de respostas para as pessoas doentes em situação de dúvidas, angústias, fraqueza e aflição. Pois

a alma confortada pelo santo ou membros da igreja católica, facilitava na incorporação no mundo dos mortos.

João José Reis (1997), afirma que na comunidade baiana no século XIX, quando a pessoa sentia a morte vir uma manifestação social começava em seu quarto, em torno de sua cama. Para Reis a morte não era algo inesperado e assustador, pois quem morria cuidava para que as vidas dos parentes tivessem uma maior segurança, tanto econômica, quanto espiritual. Nesse ato, a constituição de testamentos, deixando todos os seus bens para os membros da família e uma parte para a igreja, representava cuidado dos indivíduos que estava perto de morrer com os vivos. A “boa morte” representava que o fim não chegaria inesperadamente, de surpresa para os povos baianos, sem que os mesmos prestassem contas aos que ficavam no mundo dos vivos e também passassem instruções sobre como dispor de seu cadáver, de sua alma e de seus bens terrenos, Reis (1997). Pois, “Quem morria cuidava tanto em preparar sua morte quanto em deixar arrumada, no que dele dependesse, a vida dos que lhe eram próximos” (REIS, 1991, p 93,).

CAPÍTULO I

O HOMEM DIANTE DA MORTE NOS LIVROS DE MEMÓRIA DOS FRADES DOMINICANOS.

Tratar dos rituais fúnebres aparece aos olhos da maioria, como gosto pelo macabro. No entanto, partiu-se do princípio de que o ato de morrer, não pode ser visto apenas como um fenômeno biológico natural, pois ele contém uma dimensão simbólica, ou seja, apresenta-se como um fenômeno impregnado de valores e significados dependentes do contexto histórico em que se manifesta. Todos esses atributos da morte desafiaram e desafiam as mais distintas culturas, as quais procuraram respostas nas religiões, nos mitos, na arte e na filosofia, buscando assim, elementos que lhe desse uma luz significativa no que era e ainda é o desconhecido da morte. Aries (1990) salienta que, a morte é um mistério, uma incerteza, pois o ser humano que teve a felicidade ou a infelicidade de experimentá-la e entra no mundo dos mortos, não tiveram a chance de narrar para os indivíduos que ficaram no mundo dos vivos.

Foi durante o período do século XX, que a historiografia se abriu para um amplo debate significativo com outras áreas do conhecimento, a antropologia e a sociologia muito contribuíram para esse olhar interdisciplinar. Nesse sentido, surgem análises, especialmente na França na década de 70, sobre os sentimentos e atitudes, chamando a atenção para aspectos culturais. Philippe Ariès foi um dos precursores ao destacar sobre as mudanças culturais representativa do homem diante da morte, destacando o significado da morte como um fenômeno de longa duração (ARIÈS, 1990, p. 664). De acordo com Ariès, na alta Idade média a morte era “domada”, “familiar”, não se morria de qualquer maneira, havia toda uma ritualização⁶ que envolvia o ato de morrer. O moribundo quando sentia o “sinal”⁷ da morte, se

⁶Na concepção de Andrade, todo rito religioso implica um determinado tipo de cerimônia que utiliza de uma linguagem simbólica para expressar a experiência transcendente do contato com o sagrado. O rito é a manutenção da crença, amparado na idéia de preservação de sua história (ANDRADE, 2011, p.205).

⁷A ponte entre o natural e o sobrenatural na Idade Média era incerta. No entanto, não se pode deixar de notar que os sinais mais freqüentemente invocados para anunciar uma morte próxima fossem sinais que hoje diríamos “naturais”: uma constatação banal, que recaía sobre o sentido, fatos comuns e familiares da vida cotidiana. Os estudiosos modernos e contemporâneos, que analisaram os sinais da morte na Idade Média, que sem dúvida não acreditavam nisso, acentuaram o caráter maravilhoso dos pressentimentos considerados a partir de então como superstições populares.

despedia de seus parentes e amigos, a presença de um padre era necessário para conceder ao enfermo os sacramentos da confissão, comunhão e extrema-unção.

A morte não era algo inesperado e assustador para a sociedade da Idade Média, pois quem morria cuidava para que as vidas dos parentes tivessem uma maior segurança, tanto econômica, quanto espiritual. “Quem morria cuidava tanto em preparar sua morte quanto em deixar arrumada, no que dele dependesse, a vida dos que lhe eram próximos” (REIS,1991, p.93). Nesse sentido, a constituição de testamentos por parte do moribundo, deixando uma parte de seus bens para a família e doando a outra parte para a igreja, apresentava no imaginário social da época como necessário, tanto para facilitar a sua entrada no mundo além, como também representava um cuidado sobre a vida dos parentes que ficavam. Aries ressaltou que o grande medo era o de morrer “de repente”, não passar pelos rituais e virar “alma penada”. Esse tipo de morte significa que a alma do moribundo permaneceria na terra, aparecendo para os seus parentes. As grandes mudanças que ocorrem na relação do homem diante da morte estão mapeadas segundo Ariés no século XIX. O desenvolvimento cultural, político e econômico que marcou esse período modifica a imagem da morte. Enfim, a familiaridade com a morte passou a ser externa, vivido apenas pelo ciclo íntimo da família, não mais como parte do cotidiano e vista como algo normal da vida.

Jean-Claude Schmitt, em sua pesquisa sobre as aparições de fantasmas no medievo, aprofunda tal discussão sobre o imaginário do morrer ao afirmar que a existência dos mortos está diretamente ligada ao que os vivos imaginam para si: “Diferentemente segundo sua cultura, suas crenças, sua época, os homens atribuem aos mortos uma vida no além, descrevem os lugares de sua morada e assim representam o que esperam para si próprios” (SCHIMITT, 1999, p. 15).

A historiografia brasileira também não ficou isenta a temática da morte. As pesquisas de João José Reis (1991) partem do estudo do imaginário e das práticas fúnebres no século XIX, em Salvador na Bahia, apontando, particularmente, para as mudanças ocorridas a partir de uma maior interferência dos médicos e das autoridades públicas na regulamentação da morte. Acreditava-se que sepultar os mortos nas igrejas causava uma série de doenças para os vivos, pois os moribundos podiam transmitir vírus como o miasmas, afetando em particular, a virulência a saúde dos vivos. Anteriormente, vivos e mortos mantinham uma ligação extremamente forte, até porque os mortos mais importantes eram enterrados dentro das

igrejas, e os mortos que não faziam parte da alta sociedade eram enterrados nas calçadas das igrejas. O morrer era visto como a passagem para outro mundo, daí porque os moribundos e os parentes se preocupavam tanto com este momento, pois dele dependia o descanso e a paz de ambos, já que uma transição mal feita podia fazer do morto uma alma penada.

De acordo com Reis, os ritos fúnebres que envolviam os povos baianos, iniciavam-se no interior da casa do morto e depois era ampliado para toda a comunidade, os familiares preparavam o defunto para o velório e tratava do funeral. Os cuidados com os mortos eram uma tarefa da família, mais também era uma forma de garantia de que a alma não ficaria por aqui penando. Os povos baianos no século XIX tinham suas formas específicas de cuidar dos mortos, no entanto, as cores da vestimenta do defunto, os ritos fúnebres, eles cortavam-se o cabelo, a barba, as unhas, dava banho, vestia o defunto de branco com o véu preto e dizia a sua idade. Reis afirma que, as festas oferecidas aos mortos era também uma forma dos vivos em recuperar algo do equilíbrio perdido, afirmando a continuidade da vida após ter perdido um parente. Era uma ação social, com a finalidade de se alcançar certo tipo de “conforto”⁸ na alma”, no momento difícil da vida, como afirma Reis, “Toda a morte tem algo caótico para quem fica. Morte é desordem e, por mais esperada e até desejada que seja, representa ruptura com o cotidiano” (REIS,1991, p.138).

Um das formas encontrada de assegurar a alma dos mortos no paraíso era a contratação de padres e a utilização de sinos, isso dava certa “tranquilidade” dos vivos, pois certamente se a alma dos mortos não fosse nos primeiros momentos salvas ainda seria possível o purgatório. Nesse sentido a constituição dos ritos fúnebres decentes, segundo Reis representava “o respeito aos mortos” (REIS, 1991, p 149). O autor revela que na comunidade baiana acreditava-se que: “Se o morto passa ao outro mundo feliz e plenamente, ele poderá interceder pelos vivos aos deuses, inclusive facilitando-lhes a futura incorporação na comunidade dos mortos” (REIS,1991, p.90). Mapeando a crença no espaço intermediário do

⁸Nascimento nas suas análises sobre o culto aos mortos na sociedade contemporânea, salienta que,o “conforto” da alma angustiada e doente só poderia ser aliviada pelo o santo ministrador, protetor do corpo doente, débil, enfraquecido e suscetível aos perigos do demônio ou pelos membros eleito pela a igreja católica, com a finalidade de leva a palavra de Deus para as pessoas angustiada, nesse sentido, para a autora, ainda a permanências no imaginaria da sociedade contemporânea que o “verdadeiro conforto” da alma, só está onde a palavra de Deus é corretamente administrada.

Purgatório, Jacques Le Goff também apontou para a ligação entre o imaginário dos vivos e a morte, ao afirmar que os “mortos não existem senão pelos e para os vivos” (LE GOFF, 1993, p. 251).

Um dos maiores medos dos vivos era não ter sepultura para enterrar seus mortos, pois se acreditava que morrer sem um devido enterro significava vira alma penada. Nesse sentido, para Reis, o local de sepultura era um aspecto importante da identidade do morto, pois falar de funeral incluía sempre dizer quem era o morto, quando tinha morrido e onde foi enterrado. No entanto para sepultar os mortos, os vivos teriam que se submeter ao modelo “ideal” de sepultamento constituído pela a igreja católica, pois ela tinha como objetivo aproximação física entre vivos e mortos. Pois, como salienta Machado (1999, p. 8) “o sossego dos mortos é a paz dos vivos”.

Mapeando a crença no espaço intermediário do Purgatório, Jacques Le Goff também apontou para esta ligação entre o imaginário dos vivos e a morte, ao afirmar que os “mortos não existem senão pelos e para os vivos” (LE GOFF, 1993, p. 251). O autor salienta que:

O nascimento, no fim do século XII, de um terceiro lugar do Além, entre Inferno e Paraíso, o Purgatório, de onde se podia, através de missas, de orações, de esmolas, fazer sair mais ou menos rapidamente os mortos pelos quais as pessoas se interessavam, intensificou os esforço dos vivos em favor da memória dos mortos (LE GOFF, 2006, p. 443).

Para Le Goff o destino da alma por muito tempo esteve direcionada apenas para dois lugares no céu ou inferno, no entanto, é no século XII que é constituída uma espécie de terceira região na geografia celestial, ou seja, um "inferno provisório" chamado de purgatório. O tempo da purgação podia ser abreviado pelos vivos por meio de orações e missas, as orações também eram oferecidas aos santos, com o objetivo deles intervirem diretamente no julgamento de Deus sobre alma do morto. Esse julgamento individual, peça indispensável da doutrina do purgatório, ganhou grande relevância na escatologia católica particularmente a partir do século XVI.

1.2Frei Gil Vilanova, o Apostolo dos Índios.

Entre todos, mais ligado a oração era, sem dúvida, Frei Gil Vilanova, o explorador intrépido das matas do Brasil, para conduzir á fé os índios ou então, sofrer por eles, o martírio, e, quando os encontrou, soube agrupá-lo, verdadeiro fundador de uma nova aldeia, Conceição, a pequena cidade da Imaculada Conceição.

Frei Ephrem Lauzière, 1937 (Coleção Memória Dominicana)

Julio Vilanova nasceu em 25 de dezembro de 1851, na cidade de Marselha (França), desde criança não gostava de escrever, era um dos alunos piores da instituição escolar, formado em direito pela universidade de Aix-en-Provence, serviu o exército francês, a qual encerrou o seu serviço na academia como o primeiro sargento. Aos 24 anos, influenciado pela família e amigos decide entra para a Ordem Dominicana onde recebeu o nome de Frei Gil Vilanova, passado o tempo de formação, foi ordenado frade em 1879, logo depois recebe cargo de professor de dogma no convento onde estudava. No mesmo ano Vilanova foi obrigado a deixar a França junto com os membros da instituição e se refugiar na cidade de San Esteban de Salamanca (Espanha), ao retornar a França, foi designado para trabalhar na Diocese de Goiás, em setembro de 1887, ele deixa a França e viaja para o Brasil.

O missionário Frei Gil, Formado na Universidade de Salamanca e membro da igreja de Saint-Sernin de Toulouse, foi um dos vários exemplos de missionários que não gostavam de obedecer a ordens, um sujeito que falava e agia nem sempre de acordo com o que estava estipulado. Permanece em Goiás de 1888 a 1890. Depois de realizar quatro expedições para encontrar os índios, entre a1888 a 1896, em 1896, ele funda o centro de catequese indígena, na região do Araguaia. Frei Gil manda construir um local para os padres e um espaço mais amplo para abrigar as crianças, ali nascerá Conceição do Araguaia. A narrativa construída sobre o missionário Frei Gil o apresenta-o como um homem de ação, erudito, paciente, um homem de fé e obstinado.

Na primeira expedição que foi realizada no ano de 1888, Frei Gil teve a ilustre presença do missionário Frei Gallas, além de um camarada, conhecedor da região. Eles saem da cidade de Goiás com a pretensão de obter contatos com os caiapó no Rio Bonito, sem sucesso, depois ele desvia o seu caminho e vai ate as margens do Araguaia, as narrativas afirmam que Frei Gil e Frei Gallas estavam desolados por não ter encontrado os índios. Na segunda expedição, Frei Gil vai em direção ao vale do rio Tocantins, junto aos xerete e aos kahipó. Frei Gil lhe oferece presentes e apresenta a sua proposta, no entanto, eles não confiam

em entregar seus filhos. Foi preciso o missionário ser contentar com apenas dois índios que lhe foi entregue, as "primícias da futura colheita, leva-os para Porto Nacional e mais tarde serão batizados" (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, v.1, s.d, p.7). É no ano de 1891 que Frei Gil ao lado de Frei Afonso e de alguns "camaradas" realiza a terceira expedição. O objetivo era agora não só ter um contato direto com os índios, mais também de encontra um lugar "ideal" para construir um centro de catequize indígena. Descem até Pedro Afonso, pelo rio Tocantins, ali encontram homens e montarias que os levam dentro das matas até Santa Maria do Araguaia. Depois eles sobem o rio Araguaia em direção a ilha do bananal para chegar a foz do rio das Mortes em direção aos xavante. Na volta eles desembarcam na altura de Porto Nacional e ali voltam a pé percorrendo toda a região desconhecida que separava os dois rios.(COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, v.20, s.d, p.60).

As narrativas construídas em torno de Frei Gil sobre a terceira expedição reforça a imagem do missionário como um homem persistente. Os pântanos, a fome, as matas, a doença, são elementos narrados pelos missionários como forma de "glorificar" as suas ações. Foi na quarta excursão que o padre teve contato com os índios. Pois os mesmos percebem que poderiam obter vantagens em entregar seus filhos para os frades e mudar suas aldeias para próximo do centro de catequese. Essa ação estratégica, em aproximação com os frades poderiam render-lhes, além de ferramentas e proteção contra os inimigos, alimentação nos períodos de escassez.

Enfim, Frei Gil era um homem que não gostava de receber ordens, com uma personalidade difícil de conviver, no entanto, ele conseguiu ser um dos homens mais importantes para a ordem dominicana no Brasil, justamente pela sua persistência tanto em tentar entrar em contato com os povos indígenas da região, quanto pela fundação do Centro de Catequese Indígena.

1.3 Frei Estevão Gallas, o Visitador dominicano

Frei Gallas, o visitador dominicano nos vales dos rios Araguaia e Tocantins, as memórias sobre ele, consta de 42 páginas, na Coleção Memória Dominicana. O missionário Frei Gallas nasceu em 1951 na França. Desde criança era influenciado pelos seus pais para entrar na Ordem Dominicana. Depois de ordenado frade, foi nomeado visitador da Missão do Brasil. Após sua primeira visita foi eleito Provincial da Província de Toulouse aos 26 de Abril

de 1890. Este cargo teve duração de 4 anos. Foi eleito mais três vezes Provincial (1894, 1902 e 1906). Durante esse intervalo de tempo voltou duas vezes ao Brasil. Faleceu durante sua quarta viagem, em 1907. Frei Gallais acreditava que os filhos da Província de Toulouse, deveriam ser moldados pelo espírito de São Domingos, amando o que deveria amar e se devotando a tudo o que deveria se devotar, ele defendia um “ideal” de frade pregador.

Durante sua visita a Goiás, entre 1900 e 1901, o frade escreve dez cartas aos seminaristas franceses e duas às irmãs dominicanas. Ele dá notícias sobre sua viagem e conta sobre as dificuldades, os desafios e as maravilhas encontradas pelos antigos caminhos de Goiás. Sua tentativa é de diminuir as distâncias entre os missionários e os noviços da instituição, animando-os e incentivando-o para que venham trabalhar na missão. Para formar um dominicano “ideal” era preciso disciplina, modelar os corpos e o espírito. Enfim, era preciso amar a missão no Brasil, isso foi o que frei Gallas chamou de “política missionária”.

A figura do Pe. Gallais foi fundamental para que os dominicanos dessem às missões uma regulamentação nas estruturas. Frei Gallais conhecia pouco a região, porém conseguiu alcançar um número significativos de índios e sertanejos para serem catequizados. Tinham a comunidade como ponto de apoio para a realização das suas missões no Brasil. O dominicano foi importante para a instituição, alguns importantes acontecimentos o mesmo escrevia e enviava para os seus superiores, muito das suas narrativas influenciaram para a construção da imagem sobre o extremo norte goiano, mais também incentivou os jovens que estavam nos conventos a saírem em missão em favor ao andamento da obra.

1.4 Dom Domingos Carrerot, o Prelado de Conceição do Araguaia e bispo de Porto Nacional

D. Domingos era, por natureza, um silencioso. Nada redigiu, quase nada publicou que pudesse fora do campo de sua jurisdição, chamar atenção sobre seus atos de palavras[...] foi no primeiro domingo de outubro de 1874, dia da festa de nossa senhora do Rosário, que Raymundo Carrerot manifestou sua intenção de congregarse à Deus, na vida religiosa e dominicana.

Frei M.J.L. Lagrande O.P (Coleção de Memória Dominicana)

Frei Domingos Carrerot era Bispo de Porto Nacional (1921-1933). As suas recordações, suas trajetórias e dificuldades encontradas no solo goiano foram escrita pelo Frei M.J. Lagrande. Raimundo Carrerot nasceu em Palmiers em junho de 1863, nascido em família de classe média, desde criança era influenciado para se devoto a Deus, amar as escrituras sagradas, fazer parte dos membros da instituição dominicana. Ao quatorze anos inicia seus estudos na escola apostólica dominicana, instalado pelos padres da Província de Toulouse na cidade Mazères. Em 1880, receber das mãos de seus superiores uma homenagem de formação na escola, apostólica, logo depois o jovem Carrerot inicia a sua trajetória como noviciado no convento de São Maximino, na cidade de Toulouse (França) com o nome de Frei Domingo Carrerot. Por causa das perseguições sobre a ordem dominicana, o jovem missionário foi obrigado a ser refugiar no convento na cidade de Salamanca (Espanha). Em 1885 ele retorna para sua cidade natal, é consagrado pelo Bispo D. Rougerie como frade.

Carrerot foi enviados para a jovem missão dominicana no Brasil. Uberaba (1882), no Triângulo mineiro torna-se o ponto de partida de uma longa jornada dos dominicanos rumo a cidade de Goiás (18883) e depois em Porto Imperial (1886). Frei Carrerot chega ao Brasil e se estabelece em Porto Nacional. Os conventos constituíam os pontos de apoio, as bases físicas de onde os missionários partiam cruzando os sertões do coração do Brasil em todas as direções. As distâncias entre os conventos eram grandes e os meios de locomoção eram poucos, as viagens poderiam ser feitas através das caminhadas, por vias marítimas, utilizando os rios Araguaia e Tocantins e através dos animas. No entanto, após a morte do Frei Gil Vilanova, em 1905, a responsabilidade de cuidar do andamento da obra ficou com Carrerot.

Após ser nomeado em 1905 “[...] Superior da Missão de Conceição, Frei Domingos Carrerot conheceu as horas mais críticas”. Geralmente, o missionário saía em viagem com três homens, um frade e dois camaradas, pois caso acontece-se algo, teria um companheiro ao lado para lhe conceder o sacramento dos enfermos. No ano de 1911, a paróquia de Conceição do Araguaia é elevada a Prelazia. Carrerot no ano seguinte viaja até a França para receber das mãos dos Arcebispos da cidade de Toulouse, a sua terra natal.

2.1 Ritos e devoções sertanejos nas narrativas dos frades

[...] A Festa, o mês, a procissão do Rosário são em toda parte, mas principalmente em Uberaba, magníficas manifestações de vida cristã e de devoção a Maria. Um pastor protestante vindo da capital do Triângulo Mineiro, para aqui ativar a propaganda da heresia, assistiu, na noite da festa do Rosário a procissão que desfilava pelas ruas com milhares de cristãos recitando e cantando as Ave Marias com admirável fervor (Frei Jacinto Lacomme O.P, p. 44, 1922).

O sagrado está na raiz de todo o fenômeno religioso. A religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas na qual se distingue o profano (como caráter vinculado às coisas da vida cotidiana) e o sagrado (como valores do grupo que superam os indivíduos por isso mesmo transcendententes) (DURKHAIM, 1989). A religião se apresenta como um universo simbólico de significados que legitima a estrutura da sociedade. Fromm (1979) define religião como qualquer sistema de pensamento e ação seguido por um grupo capaz de conferir ao indivíduo uma linha de orientação e um objeto de devoção. Para Esteves (1977) em todas as religiões encontra-se um núcleo mítico-teológico ou filosófico destinado a dar conta do significado da vida e situá-lo em relação a fenômenos mais ou menos centrais, como o sofrimento e a morte (Apud, LEMOS, 2005, p.32-33)

Solange Ramos de Andrade, ressalta que todo rito religioso implica um determinado tipo de cerimônia, que se utiliza de uma linguagem simbólica para expressar a experiência transcendente do contato com o sagrado. Portanto percebe-se que a forma do rito é a repetição, mas sua finalidade é a inauguração, a abertura ao tempo, ao novo, até mesmo a renovação da vida, ou do compromisso firmado com a divindade. Segundo Andrade, o rito trás um aspecto social, pois necessita da adesão dos fieis para o estabelecimento de uma identidade social e, conseqüentemente religiosa. O rito e a manutenção da memória é um aspecto fundamental na construção e permanência das religiões. Outros elementos importantes para a religião católica são as festas. Pois trata de um rito institucional como também de um rito devocional. O que encontramos hoje é as manifestações públicas de igrejas em sociedade, com o propósito de manter seus laços com a comunidade, pressuposto basicamente de reafirmar a importância da celebração de sua existência

Todo católico sabia da importância de um bom relacionamento com os santos de devoção, em especial, na hora que antecede a morte. Os santos, cada um com suas “especificidades”, são colocados como intermediador intercessor a favor do fiel. Por isso, a preocupação dos fieis em constituir celebrações aos santos, pois “Celebrar bem os santos de devoção representava um investimento ritual no destino após a morte – além de tornar a vida mais segura e interessante.” (REIS,1991, p. 61). O nascimento da devoção aos “santos” está enraizado segundo Marzal na América latina. Essa piedade saiu fortalecida do Concílio de Trento, que confirmou o culto das imagens. Nesse sentido, segundo Marzal, a devoção aos “santos”, nasce da necessidade dos povos em se apegar em alguma entidade religiosa, pois havia uma escassez de atenção do clero sobre a zona rural. Essa devoção ao santo nasce numa cultura religiosa católica, mas se transforma numa relação pessoal. Como já assinalava Andrade: “O culto ao santos está presente desde a constituição da hierarquia cristã e sua consequente necessidade em afirmar valores morais usando modelos de exemplares que traduziam sua visão de mundo, além de ser um importante meio de transmitir o sentido da fé cristã.” (ANDRADE, 2010, p. 133).

Edilece Souza Couto salienta que devoções, festas e rituais religiosos católicos, constitui funções primordiais de ritualização do tempo mítico, reversível e recuperável. O tempo festivo promove uma coletividade social, constitui uma sensibilidade, pois o fiel que faz parte de um determinado grupo religioso, possui uma “intrínsecas relações com os aspectos políticos, econômicos e sociais” (COUTO, 2004, p. 2). Portanto, os eventos religiosos se apresentam para os historiadores e principalmente para os fieis repleto de representações e significados sociais. Compreende-se que a concepção sobre a “boa morte” e os rituais a ela associados são produtos socioculturais dos vivos e refletem as expectativas destes em relação a uma nova vida, tida como imortal, tendo início após o término da vida presente ou vida terrena, daí a necessidade de compreensão do contexto em que essas concepções e rituais são praticados.

Enfim, para frades dominicanos, os santos tinham a missão de guiar a alma durante a sua passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, e o mais importante, que interceda perante o julgamento de Deus sobre a alma do defunto. Saraiva (2010) acredita que, “A imagem dos santos padroeiros como figuras de relevada importância dentro do universo das devoções dos fieis religiosos, faz com que a figura de Deus e Jesus Cristo como entidade

sagrada não se destaque tanto dentro do contexto dos grupos religiosos” (SARAIVA, 2010, p.149). Ao invocar os santos, cada um com suas especificidades, acreditava-se que eles intercederia pela alma do individuo que estava de partida.

Na tradição católica, “o bem morrer” exigia ritos se possível, com a presença de um padre. Nesse sentido, a primeira estratégia de salvação era organizar cuidadosamente a própria morte. Divulgados através das “artes de morrer”, os rituais capazes de ajudar o homem/alma a se salvar ressaltava o grande combate entre o bem/mal que acontecia na hora da morte. Até no último momento, o fiel poderia se arrepender dos pecados cometidos e evitar o fogo do Inferno. Logo, para os padres a “boa morte” estava associada à confissão e comunhão, estas fortaleceriam a alma para não se deixar sucumbir ao mal.

“Ele anunciou a hora de sua morte e se pôs a rezar o seu Rosário e o seu Breviário. No dia 13 de Junho, na hora predita, recitando o Ofício do Santíssimo Sacramento entregou a sua alma para Deus”. (Frei Epherem Lauziere O.P, 1938, p. 19). Através desse relato sobre a morte do frei Guilherme Vignau, percebe-se que a morte para os frades dominicanos nunca chegaria sem um breve “sinal” ou sem a realização de um devido ritual de passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos. A ritualização traz uma imagem de uma morte tranquila e acima de tudo segura, pois, os frades teriam a presença do padre para lhe conceder o sacramento da extrema unção e o acompanhamento da plateia, pois a morte é individual, mais as orações são coletivas.

O ritual possibilita com que o doente se arrependa dos seus pecados, além disso, no caso dos frades, o mesmo abre espaço para que o individuo entregue a sua alma para Deus. Sobre a morte do Frei Antônio sala, encontramos narrativas afirmando que o padre atingido por uma forte febre amarela, “entregou a sua alma que Deus havia dado. Ele já lha havia consagrado”(Frei R. Bonhomme O.P. 1937, p 71), nesse sentido, percebe-se a importância de um devido ritual de passagem, pois o mesmo direciona em qual lugar a alma do defunto estará, no céu na tranquilidade eterna ou no inferna, no fogo que não se apaga.

É importante observa que a ritual de passagem para os frades dominicanos iniciava antes que o moribundo pudesse vê ou ouviu a morte falar. Durante a sua passagem do mundo

dos vivos para o mundo dos mortos o Frei Antônio Sala, segundo a memória dominicana, ouvi a morte falar, o frade se encontrava no leito de sua cama e “ele ouviu da morte reclinada sobre seu leito a terna palavra esperada ‘Vem, amigo, vem na alegria’, nesse sentido, percebe-se que a morte tinha sua forma específica de ser apresentar para os moribundos. Durante a ritualização havia a recitação do sacramento do enfermo e as recitações de algumas orações, tanto para os santos como também para Deus.

Enfim, para frades dominicanos, os rituais de passagem era uma das partes fundamentais para o moribundo pode alcançar uma boa morte. Os rituais de passagem é uma das formas “da morte ser integrada e simbolicamente vencida. Formam um todo complexo e multifacetado que abarca não apenas os factos do processo da morte mas extravasa esse contexto para se estender a todos os espaços e momentos da vida. (MACHADO, 1999, p. 6.). Percebe-se que todo o rito realizado pelos frades necessitava da presença da comunidade para que o moribundo alcance uma “boa morte”, nesse sentido, a característica do rito religioso “é o seu aspecto social, pois necessita da adesão dos fies para o estabelecimento de uma identidade social e, conseqüentemente, religiosa, tanto para os membros dessa como para os não membros (ANDRADE, 2011, p.207).

CAPITULO II

A CONCEPÇÃO DE “BOA MORTE” PARA OS FRADES DOMINICANOS.

Certamente, a morte não é apenas um momento único e irrepetível, pois ela é “um processo que se inicia com o nascimento e vai depois condicionar e polarizar as vivências e os comportamentos dos homens em sociedade” (MACHADO, 1999, p. 5.) Compreendemos a morte como um fenômeno não só biológico, mas principalmente cultural. Ao ato de morrer são atribuídos significados, no qual a concepção de “boa morte” deve ser lida dentro das especificidades da comunidade. Assim, se alguns frades morreram dentro daquilo que se convencionou ser a morte ideal para os frades, outros morreram distante dela, porém, as narrativas vão tentar fazer uma adequação do que se representava a “boa morte”.

Muitos frades dominicanos morreram na diocese de Goiás. Os desafios eram enormes, a malária, a febre amarela, os acidentes na travessia de rios, os ataques de índios e animais ferozes. Alguns dos frades dominicanos tinham sua própria visão do que seria uma “boa morte”, para alguns uma morte digna e honrosa seria bem mais do que receber a extrema unção, como é o caso do missionário frei Guilherme Vignau⁹, após sair da França, em julho de 1892. O frade Guilherme chega ao Brasil com 27 anos, aos 38 anos morre no meio da floresta vítima da malária e da febre amarela, doenças comuns na região. Em retrospectiva, a narrativa afirma:

No momento de partir para o Brasil peço a Deus duas graças: a primeira que me dê dez anos de vida, para ter tempo de alguma coisa fazer antes de deixar o mundo; e a segunda de morrer mártir ou bem só, no fundo da floresta, sem dar trabalho a ninguém. (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, s. d, v.1, s. p 13).

Sabe-se que as narrativas é sempre algo seletivo. Muitas vezes palavras e textos são atribuídos àqueles que partem para dar significado para as suas ações e, principalmente para a morte, que o arrebatam do meio dos vivos. Atentando para o aspecto particular “necessariamente pessoal” das formas de lembrar, Le Goff ressalta “as manipulações

⁹ Frei Guilherme Vignau em 1898 assume o convento de Conceição do Araguaia, por causa da ausência do Frei Gil, obrigado a se afastar para viajar atrás de recursos financeiros e o Frei Angelo atingido pela febre amarela não tinha condições físicas para assumir o convento. Formado pelo convento de Toulouse, em 1892 recebeu a ordem de seus superiores para trabalhar na missão dominicana no convento de Uberaba.

consciente ou inconsciente que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sócias pelo poder” (GOFF, 1924, p. 418). Também para Antonio Torres Montenegro:

A memória coletiva de um grupo representa determinados fatos, acontecimentos, situações, no entanto, reelabora-os constantemente. Tanto o grupo como o individuo operam estas transformações. Embora parta do real, do fato, do acontecido, o processo da memória se descola e passa a operar através de uma dimensão onde as motivações inconscientes e subjetivas constituem o vetor determinante da construção desse quadro (MONTENEGRO, 1994, p. 5).

Como já assinalava Hobsbawn, “a memória não é um mecanismo de gravação, mas de seleção, que constantemente sofre alteração” (HOBSBAWN, 2004, p17). A memória individual, para Hobsbawn, existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são construídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos e paixões que são atribuído ao individuo, são inspirado pelo grupo. Posto que, a memória individual é construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HABSBAWACHS, p. 55, 2004.). Ou seja, o olhar este que deve sempre ser analisado considerando o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo.

Frei Ângelo Dargainaratz foi um dos primeiros colaboradores da missão, junto com Frei Gil, no centro de catequese indígena, na futura Conceição do Araguaia.¹⁰ Atingido por uma forte febre foi transferido para Porto Nacional, pois acreditava que uma mudança de clima o faria bem. Em Porto Nacional ministrava o catecismo para as crianças e voltou a sair em missão à procura de índios. Voltando de uma dessas missões o padre sentiu-se cansado. Pretendeu voltar a Porto Nacional o mais rápido possível, pois estava sentido o “sinal da morte” e não tinha nenhum padre por perto para lhe conceder o sacramento. Ele não deveria morrer sem receber o sacramento da extrema unção, a oração dos enfermos e a oração aos

¹⁰ Frei Angelo Dargainaratz nasceu em Saint Jean de Luz, no dia 8 de junho em 1948 era de origem basca e gostava de deixar bem claro para todos. Aos 22 anos entra na Guerra para defender o seu país (França), ser encanta pela história de vida do General de Charrette o Padre Doussot, terminada a Guerra Frei Doussot é enviado para Mazerés como Padre Mestre dos Novíços, o seu mais novo companheiro Frei Dargainaratz o seguiu e ser encanta pela instituição dominicana. Ao terminar seu estudo na instituição é enviado a Mazerés, agora como professor da escola apostólica, em 1880 é forçado a ser refugiar na Espanha na cidade Salamanca, de onde ele foi enviado para o Brasil para trabalhar na missão no extremo norte goiano.

santos de devoções, para interceder e guiar a alma do moribundo, nesse sentido, a presença de um padre era essencial na hora na morte. Escolheram utilizar a embarcação, não só porque o trajeto de volta iria pelas vias fluviais, mais também porque os barqueiros sabiam que o frade a qualquer momento poderia morrer. A embarcação não conseguiu suportar as fortes águas e naufragou. Os quatro barqueiros que o acompanhavam conseguiram sair e ser abriga a margem do rio, porém, Frei Ângelo Dargaignaratz, morreu afogado. Somente após alguns dias conseguiram encontrar o corpo do frade. No documento “*Coleção Memória Dominicana*” consta que alguns barqueiros morreram tentando salvar a vida do padre, mas sem sucesso.

Nesse sentido, fica claro que dentro do modelo de “boa morte” construído pela instituição dominicana o missionário Ângelo Dargaignaratz não conseguiu alcançá-la. No entanto, as narrativas querem fazer ver que ele morreu tranquilo, suas roupas estavam intactas, suas mãos seguravam o rosário perto do peito, constrói-se a representação de que ele morreu pela e para a missão. Assim, constrói-se a imagem positiva da morte do frade, suprimindo a ausência dos rituais que deveria anteceder-la.

Assim, a memória sobre a morte dos missionários pode ser entendida como uma reconstrução do passado realizada com o auxílio de dados do presente. Isso ocorre através de um processo de seleção, pois é impossível registrar tudo o que ocorreu num dado momento, não só no plano individual, mas também no plano coletivo. Assim, as visões construídas sobre o passado revelam mais sobre o momento presente do que sobre o passado que se pretende restituir. Nossas visões sobre o passado são incompletas, parciais e cambiáveis. Elas podem variar conforme a posição que ocupam na instituição religiosa, nesse sentido, leva-se em conta tantos os cargos ou a projeção social do indivíduo quanto a necessidade do presente de valorização da imagem do missionário.

A morte do Frei Gil Vilanova

As 15 horas Frei Vilanova deitado agoniza.[...] a um sinal de Frei Bigorre, os remadores deixam o barco correr ao léu, pilotos e marinheiros rodeiam o moribundo que perde o conhecimento. Frei Bigorre lhe dá a unção dos enfermos e entoa o Salve Rainha á qual todos os marinheiros acompanham, como todas as noites. (LAUZIERE, 1934, p.8). [...] Era um sábado, 4 de março as 15 horas da tarde Frei Gil não mais verá os seus índios. No dia seguinte foi sepultado na margem, em Arumtema (LAUZIERE, 1934, p.8).

Todo o espaço geográfico entre os rios Araguaia e Tocantins passa, a partir de 1886 (Fundação do Convento das Mercês, em Porto Imperial), passa a responsabilidade dos frades da ordem fundada por São Domingos de Gusmão, na França no século XIII. Frei Gil é enviado para a missão dominicana Goiás, em 1904, e logo é encaminhado para o norte de Goiás. Seu grande mérito foi ter fundado o centro de catequese indígena, na futura Conceição do Araguaia (1887). Consta nas narrativas que após, fundar Conceição do Araguaia, Frei Gil viaja até em Belém do Pará, com a finalidade de buscar recursos com o governador para passar o ano. Em 1902, ele é chamado a França, para apresenta seu relatório sobre a obra crista na região, além disso, teve que se explicar perante aos seus superiores o motivo por tê-la fundado no Estado do Pará, pois as ordens era para que o Centro de Catequese Indígena fosse no Estado de Goiás. Por fim, ele consegue recursos financeiros e algumas irmãs religiosas dominicanas para auxiliar na educação das garotas indígenas.

Em 1905, Frei Gil após retornar de viagem encontrou-se muito doente. Atingido pela febre amarela sentiu-se piorar e viajou até Belém do Pará a procura de remédios e médicos, no entanto a doença se agravou e o padre deitado no barco sentiu o “sinal da morte” pediu, então, para receber a oração dos enfermos e o sacramento da extrema unção. O seu companheiro Frei Bigorre convida todos os homens que estavam no barco para acompanhar os rituais não deixando o moribundo morrer só. Reis (1991) foi muito perspicaz ao compreender que: “Uma boa morte era sempre acompanhada por especialistas em bem morrer e solidários espectadores. Ela não podia ser vivida na solidão” (REIS, 1991, p.100).

Como Frei Gil era uma das maiores lideranças dos missionários na região, a narrativa sobre a sua morte também precisava ser relevante, mesmo ele tendo morrido dentro de um pequeno barco, apenas na companhia de poucos camaradas e um frade. Assim, a narrativa dá conta que Frei Bigorre lhe dá unção dos enfermos a Frei Gil e entoia o Salve Rainha a qual é acompanhada por todos os presentes, em seguida, ele falece, 4 de março de 1905, ao chegar em Belém, é sepultado. A narrativa assinala que o missionário era muito conhecido dentro e fora da instituição, sua morte provoca comoção entre as autoridades de Belém e seus companheiros de missão, pois “Toda a morte tem algo caótico para quem fica. Morte é desordem e, por mais esperada e até desejada que seja, representa ruptura com o cotidiano” (REIS, 1991 p. 138). Para finalizar, o narrador quer dar um tom épico para a morte do Frei Gil

e conclui: “Em Conceição os índios choraram, jamais esquecerão aquele que tanto os amou”, (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, s. d, v.1, s. p).

Nas narrativas dos frades, Frei Gil conseguiu alcançar uma “boa morte”, pois “Assim como não se nasce e se vive de qualquer maneira, também para morrer existem regras, e é *mister* cumpri-las a preceito” (MACHADO, 1999, p. 5). Frei Gil conseguiu na hora de sua morte ter um padre ao lado para lhe conceder o sacramento da extrema unção, morreu em missão, levando o evangelho para além dos muros da instituição. Além disso, Vilanova teve na hora de sua morte o acompanhamento de alguns indivíduos, ou seja, na sua passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, não estava presentes apenas o padre, mas também os barqueiros.

A morte do Frei Gallais

Uma febre ardente o devorava... Chamando o major Albino, este constatou que o tumor se tinha formado, durante a viagem, no lado esquerdo de seu peito. O Padre não havia revelado. O mal era incurável. Estou feliz de sofrer e oferecer meus sofrimentos pela Província de Toulouse, pela missão e por esta querida casinha de Formosa chegou-se assim a 3 de dezembro (LAUZIÈRE, 1934, p. 28)

O documento afirma que “o espírito de um homem, é o conjunto das disposições que o animam habitualmente e que o levam a falar e agir de uma maneira determinada”(COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, s. d, v.1, s. p 24). Frei Gallais, era mais um dos dominicanos defensores do modelo ideal de Frade Pregador. Um dos primeiros princípios seria seguir e se basear na vida dos santos intercessores, tendo um espírito de vocação pela missão:

Naquela tarde o doente entrou numa tal prostração que se reconheceu a aproximação da morte. Entretanto ele retomou pouco a pouco a consciência compreendeu a gravidade de seu estado e pediu os últimos sacramentos eram sete horas da tarde. A vista do Santíssimo Sacramento [...] ele recebeu em seguida a Unção dos Enfermos, a indulgência Plenária do Rosário. No dia 4 de dezembro as 2 horas da manhã durante a recitação do Rosário, ele se apagou docemente, sem abalos, sem agonia. Ele se consumiu pelo serviço da Igreja e da Ordem. O grande religioso, o grande chefe, acabava de morrer como havia vivido. Heroicamente (LAUZIÈRE, 1934, p.29)

Frei Gallais fez quatro visitas ao Brasil, todas tinham como principal finalidade fiscalizar o andamento da obra, além de constituir cartas que narrassem sobre o cotidiano dos Frades, enviados para trabalhar na missão. Essas cartas produzidas pelo Frade foram enviadas para os seus superiores na França, propagando e construindo uma imagem positiva dos seus

companheiros que estavam em missão. As narrativas foram publicadas nas revistas *MissionsDominicaines* e na *La Viedominicaine*, na França. Ou seja, ao analisar os documentos fica claro a intenção dos dominicanos em construir uma determinada imagem positiva de si mesmo, (homens que viveram e morreram pela missão, eram pacientes e amavam os índios, trouxeram a paz, eram intercessores dos pobres) e dos outros companheiros que estavam em missão.

Em 1901, estando de viagem para Porto Nacional, junto com o seu companheiro de missão Frei Dom Domingos Carreror, e alguns homens da região conhecedores da floresta, uma forte febre amarela, algo comum no local, atingiu de forma violenta o frade. Os seus companheiros sabendo da distância para chegar, expressaram uma forte preocupação a tal ponto de pensar na possibilidade da morte do frade em plena floresta, como já havia acontecido com outros missionários, já haviam inclusive selecionado um local para enterrá-lo. No entanto, aos poucos o frade vai retomando a consciência, e prossegue a viagem.

Nos fins de julho de 1907, Frei Gallais embarca para a sua última missão, pois, não voltaria mais para a Europa. Pelo excesso das viagens as fadigas começaram a atingir seu corpo. Por causa de sua frágil imunidade, além das mudanças de clima, voltou novamente afebril. Frei Gallais entrou numa tal prostração que passou a sentir os “sinais” e aproximação da morte. Ele estava no caminho entre o Convento de Porto Nacional e o de Formosa. Aos poucos, o frade foi retomando a consciência e Domingos Carreror, que o acompanhava em missão, lhe concedeu o sacramento da Extrema Unção, a bênção do Santíssimo Sacramento e a indulgência Plenária do Rosário. Foi no dia 4 de dezembro após a recitação do Rosário, que o Frade sai do mundo dos vivos para entrar no mundo dos mortos. Fica perceptível a tentativa de construir uma narrativa que dê a ver a morte ideal do frade, ao afirmar que o mesmo “morreu docemente, sem abalos, sem agonia. Ele se consumiu pelo serviço da Igreja e da Ordem” (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, s. d, v.1, s. p 24).

A narrativa procura associar sua morte a sua vida. Assim: “O grande religioso, o grande chefe, acabava de morrer como havia vivido. Heroicamente” (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, s. d, v.1, s. p. 24). Sabe-se que as famosas febres do Araguaia ceifaram várias vidas dos missionários dominicanos no Brasil Central. Para os missionários morrer no campo de batalha, como um soldado, no cumprimento da obediência, no ato mesmo do sacrifício, praticado para a glória de Deus e a salvação das almas, era uma morte que não

deixava de ter os seus encantos. É claro que morrer sem receber os sacramentos ou sem a presença de uma platéia não estava dentro da concepção de “boa morte” para os fiéis católicos da época, porém, os missionários vão dando nova configuração ao ato de morrer: a boa morte passa a significar a morte em missão.

Morte do Frei Dom Domingos Carrerot.

[...] Dom domingos Carrérot passou desta vida mortal para a eternidade. Sem uma palavra, sem um gemido, na humildade e no silêncio, entregou a Deus sua alma santa, purificada pelos sofrimentos da longa enfermidade. Dom Domingos faleceu com a idade de setenta anos e seis meses, no quinquagésimo terceiro aniversário da sua profissão religiosa na Ordem dos Frades Pregadores, e no vigésimo primeiro ano de seu fecundo episcopado (AUDRAN, 1936, p. 306).

Dom Domingos após ser nomeado bispo de Porto Nacional voltou a suas preocupações para o seu trabalho missionário. Dom Dominginhos como era chamado o Pe. Carrerot, percorria os sertões de Goiás, utilizando as canoas, as tropas, sempre na companhia dos “camaradas” e outros. Traçava uma rota que iniciava em Porto Nacional e finalizava na Ilha do Bananal. Porém, por causa das muitas viagens, sua robusta constituição física esvai-se, seu corpo enfraquece, sua saúde começou a ficar abalada. Em 1932 Carrerot recebe uma proposta Frei Luiz Palha para viajar ate a sua terra natal e rever algumas pessoas que ficaram na França. Segundo o Frei Audran, Carrerot era determinado e sempre tomava decisões lentas e prudentes, nesse sentido, não aceitou a proposta imediatamente, porém, o argumento de que com “ [...] o aparecimento de Dom Carrerot nos meios religiosos franceses traria valioso proveito para sua diocese e toda a Missão, quer no sentido das esmolos, quer na questão capital das vocações missionarias”(AUDRAN, 1946, p. 303), o fez voltar em sua decisão de permanecer no sertão, além disso, acreditava que respirar o ar de sua terra natal e receber um tratamento “adequado”, poderia ajudá-lo a recuperar sua saúde.

Consta no documento que Carrerot “finalmente, convencido dos muitos resultados que lhe faziam esperar, respondeu a Dom Sebastião, pondo-se à sua inteira disposição a partir de junho de 1933”(AUDRAN, 1946, p. 303). O Frei Dom Sebastiao após receber a noticia de Dom Carrérot confirmando a sua viagem inicia uma serie de preparativo para a chegada do padre, a noticia de que o Bispos do Brasil iria visitar a ‘Família dominicana’ percorreu por

algumas parte da França. A organização dos conventos, da igreja Dominicana, a compra de alguns utensílios para a realização da missa, foram ações realizadas por parte dos missionários após receber a confirmação de ‘Dominginhos’.

Em Porto Nacional Dom Dominginhos participa das solenidades da Páscoa de 1933. Terminada a festa, o padre realiza mais uma missão, pretendeu mais uma vez chegar até a ilha do Bananal, acreditava que esse lugar era um ponto estratégico para a construção da futura catequese. Ao retornar para Porto Nacional utilizando as “Picadas”, Dom Carrerot seguiu por um trecho diferente, os “camaradas” que eram responsáveis de levar a bagagem vinham atrás e não encontraram o prelado: “Frei Domingos conhecia muito bem a região, inclusive construía uma estrada(picada) de mais de 500 quilômetros, para ligar Porto Nacional a Conceição do Araguaia” (SANTOS, 1996, p. 54). Porém, Carrerot ficou perdido nas matas, sem alimento e sem o menor socorro. Quando o encontraram já estava fraco e debilitado, foi preciso carregá-lo dentro de uma rede, pois o mesmo havia caído vitimado de uma grave insolação.

Em Porto Nacional, Carrerot passou a se cuidado pelas irmãs dominicanas, pelo médico Francisco Ayres da Silva e pelos seus companheiros e fieis de Porto Nacional. Com os passar dos dias a saúde do missionário foi enfraquecendo: “nesse naufrágio mental emergiam somente preocupações de novas empresas em favor dos fieis e dos índios” (ANDRN, 1946, p. 305).Sabia-se que a recuperação do padre era algo que levaria um longo tempo, pois assim como afirmou o Frei Luiz Palha, “Dom Domingos não era mais um jovem era preciso uma saúde excepcionalmente robusta para resistir por tão longo tempo aos ataques do clima e as fadigas do seu ministério apostólico” (COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA, s. d, v.1, s. p. 24).

Na festa da Assunção de Maria Dom Carrerot, mesmo coma saúde enfraquecida, foi levado para celebrar a missa e fazer as orações. O padre “subiu o altar sustentado por mãos filiais e realizou o ato sagrado”(AUDRAN, 1946, p. 303). Com as visíveis dificuldades os fieis e os dominicanos, perceberam que seria a última missa do bispo. A isolação foi atingindo Dominginhos gradualmente, fazendo com que o perdesse a consciência de seus atos, por causa de sua inquietação e após ter ficado só em seus aposentos tenta descer uns degraus, ferindo-se gravemente na cabeça. Sua saúde piorou após o acontecimento, a isolação que atingia seu corpo e a hemorragia que provocou um prologado coma, fez com que o padre se

aproxima-se da morte: “nessa última fase de agonia, preferia somente palavras de zelo apostólica ou formulas sagradas” (AUDRAN, p. 305, 1934). Um novo acidente precipitou o fim. Durante sua agonia, por causa das fortes dores o mesmo retirou as proteções que foram aplicadas sobre as feridas ocorrendo assim uma nova hemorragia. Os padres reconhecendo o sinal da morte concedeu a Dom Domingos Carrerot os últimos sacramentos dos enfermos e os fieis faziam orações pela alma que estava de partida.

Sobre a sua morte Santos afirmou: “Em Porto Nacional, nas primeiras horas do dia 14 de dezembro de 1933, nos braços de seu primeiro sacerdote, padre Dídimo e do índio Damião, frei Domingos (Dom Domingos) passou desta vida mortal para a eternidade” (SANTOS, 1996, p.56). Frei Audran relatou que após a sua morte foi concedido para o missionário um sepultamento simples e com poucas pessoas acompanhando, segundo o autor, “Simple na morte como na vida, o Bispo de Porto Nacional não foi acompanhado das pompas fúnebres acostumadas, no momento em que baixou á sepultura”(AUDRAN, 1946, p. 306). Como os dois missionários, Frei Gil Vilanova e Frei Gallais, Domingos Carrerot teve uma morte sem pompas, que talvez o cargo de bispo exigisse.

Após o termino do sepultamento “retiram-se os fieis desolados por terem perdido um Pai na terra, consolados, entretanto, pela certeza de possuírem doravante no Céu mais valioso protetor” (AUDRAN, 1949, p. 307). Frei Audan conclui sua narrativa sobre Dom Domingos Carrerot, afirmando que o mesmo “era realmente o soldado de Christo morrendo de armas nas mãos!” (AUDRAN, 1946, p. 306). Enfim, essa narrativa ressalta que o importante era viver e morrer como missionário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os frades saíram de seus países e vieram para o Brasil e especialmente para o extremo norte goiano, com o objetivo político, econômico e social. O discurso realizado pela instituição de que os frades entraram na região com o interesse de catequizar e civilizar os corpos “barbaros” foram utilizados para legitimar as ações dos mesmos em um Estado esquecido pelo governo.

Logo que entraram no país, se estabeleceram no extremo norte goiano, nesse sentido, começaram a produzir e construíram conventos, cada um feito em ponto estratégico. Os conventos servia de apoio para os frades que andava pela região a procura dos índios, além disso, eram usados como “escolas” para ensinar meninos e meninas indígenas e sertanejos, a nova religião, os novos costumes e uma nova cultura.

Cada frade dominicano teve a sua parcela de importância dentro da instituição para o andamento da obra no Brasil. No entanto, encontramos narrativas que dão uma maior importância para o missionário Frei Gil Vilanova, além disso, as narrativas apresentam uma maior admiração ao Frei Gallas e por último, é perceptível a devoção que os dominicanos tiveram sobre Dom Domingos Carrerot. Esses dominicanos exerceram cargos importantes e realizaram ações que deram ampliação para a missão no Brasil.

Encontra-se dentro da coleção de memória dominicana narrativas sobre a morte de alguns frades que trabalharam na obra missionária. É importante observar que a instituição dominicana tinha seu modelo de “boa morte” e para os frades alcançá-la dependia de certos rituais. No entanto, ao analisar os documentos percebe-se que nem todos os frades conseguiram alcançar uma “boa morte”, porém as narrativas vão substituir essa imagem negativa da morte, narrando que os missionários, que não conseguiram alcançar uma “boa morte”, morreram de forma tranquila e entregaram a sua alma para Deus. Nesse sentido, percebe-se que uma “boa morte” é uma construção social.

A morte ao longo do tempo sofreu transformações sociais, na sociedade contemporânea a morte é conscientemente ou inocentemente encarada como um tabu. No entanto, percebe-se que a morte é um tema transdisciplinar, suas práticas interessam tanto a psicologia, a antropologia como também para a história. A prática da “boa morte” dos

dominicanos ser diferenciava no tempo e no espaço, pois muitos deles morreram sem receber o sacramento da extrema unção, no entanto, as narrativas vão tentar construir uma boa morte a esses homens religiosos, aonde os documentos vai narra que sua morte foi tranquilo, Além de ter morrido em missão.

Ao analisar o periódico é possível notar que as representações acerca dos missionários ser modifica no tempo e no espaço, todas ela construiu uma imagem enobrecedora e heroica sobre os Dominicanos. Todos eles foram apresentados como um sujeito religioso, que seguia fielmente as doutrinas cristãs, além disso, as narrativas afirmam que eram homens eruditos, celibatários, pacientes, dedicados, combativos e excelentes oradores. A alta representação que ocorria entorno deles, colocando-os como um sujeito corajoso, intrépido, perseverante, possuidores de amplo “capital cultural”, foi uma tentativa de construir uma boa imagem, tanto para os fiéis da região, como também para os seus superiores que se encontrava na França.

O missionário dominicano que foram enviados para o extremo norte Goiano, imbuído de uma mentalidade europeizante, buscava cristianizar o índio tornando-o “civilizado”, além de fortalecer o processo de penetração da religião Católica por toda a região. A evangelização dos índios como um dos principais motivos para a chegada dos dominicanos, foi um processo lento, com resistência do mesmo. Permanecia no imaginário dos Frades a ideia de evangelização como possibilidade de fazer os povos indígenas, e não indígena assimilar os valores da morais e religioso dos povos europeus. os missionário por muitas vezes tentaram destruir a cultura indígena, tentando impor uma determinada visão de mundo, como também uma determinada religião.

A narrativas sobre Frei Gil, Frei Gallas e Frei Dom Domingos Carrerot presente na Coleção Memória Dominicana, pode ser compreendida como tentativa de construção de uma identidade dominicana no Brasil. As ações dos Frades Dominicanos no Brasil, partia da finalidade de serem lembrados como missionários que desempenharam importantes papeis no país. A luta que enfrentaram para “recatolizar” os sertanejos e catequizar os índios não podem ser esquecidos. Frei Gil e Frei Gallas, foram um dos primeiros missionários a serem enviados para o mundo novo, nesse sentido, merecem o reconhecimento, tanto do Estado quanto também da Igreja.

Analisando os documentos percebe-se que a personalidade do Frei Gil foi utilizada para moldá-lo como homem de fé e de ação. No entanto, tanto seus companheiros de jornada, como também as irmãs dominicanas que no passado, trabalharam na região entre os vales dos rios Araguaia e Tocantins, sabiam que ele era uma figura difícil. Dentro dos modelos pré-estabelecido de uma “boa morte” Frei Gil teve a oportunidade de experimentá-la. Mesmo sendo uma pessoa difícil de conviver, muito por causa do seu caráter exigente, energético e autoritário, sua morte comoveu as autoridades, o povo e os religiosos da Região, bem como entre os sertanejos e índios de Conceição do Araguaia.

As narrativas sobre o Frei Gallas constituída pelo Frei Ephrem Lauzier apresenta o mesmo como um sujeito responsável para fiscalizar o andamento da missão Dominicana no Brasil. Era um visitador da Região, que por muitas vezes encontrava dificuldades na sua movimentação, muito por causa da falta de locomoção disponível na Região. Além disso, o sol ardente e as fortes chuvas dificultavam as viagens do Frade aos conventos. Vale ressaltar que os conventos constituídos na Região eram pontos de apoio, ou seja, eram bases estratégica, com a finalidade de facilitar para os missionários as suas andanças pelo norte do Brasil.

Frei Gallas teve a oportunidade de experimentar uma “Boa morte” considerada pela instituição que o Missionário estava inserido. Foi um homem que viveu até os 56 anos. Mais da metade de sua vida dedicou a missão Dominicana no Brasil. Portanto seus esforços para a constituição da identidade da Ordem Católica no Brasil, merece o reconhecimento e não pode ser esquecido, mas não tira o fato de que merece ser questionado e problematizado no tempo.

O missionário Dom Domingos Carrerot também foi um sujeito importante para a intuição dominicana. Sua vinda para o Brasil não foi algo por acaso, havia um planejamento, um objetivo. “Dominguinhos” era um sujeito que não gostava de escrever, possuía pouca paciência, era um sujeito que gostava de fazer tudo conforme a sua vontade. As narrativas afirmam que Carrerot era um missionário conhecedor da região, porém ao analisar as fontes, percebe-se que o mesmo não conhecia de forma aprofundada os trechos do sertão Goiano.

“Dominguinhos” mesmo sendo um sujeito complicado de ser lida, um homem que veio para o Brasil com o objetivo de ajudar na missão dominicana, foi um sujeito que conseguiu alcançar uma “boa morte”. As narrativas afirmam que o mesmo viveu e morreu para

a missão, teve uma vida exemplar e uma morte heroica. Carrerot foi um sujeito importante para a instituição dominicana, o mesmo trabalhou em porto Nacional e em Conceição do Araguaia, andava entre as matas a procura dos índios, segundo Santos (1996), Dom Domingos Carrerot, “Fez do sertão goiano a sua segunda pátria”. (SANTOS, p. 69, 1996).

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, Solange Ramos De. *O culto Aos Santos: A Religiosidade Católica e seu Hibridismo*. Revista Brasileira das Religiões. ANPUH, Mai/2010. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>, acessado em 2015, p. 131, 132, 135, 141, 142

ARIÉS, Philippe. *O Homem diante da Morte*. Coleção ciências Sociais, volume 1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

_____. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

AUDRIN, José Maria. *Os Sertanejos que eu conheci*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

_____. *Entre Sertanejos e Índios do Norte*

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOSI, Ecleia, *O tempo vivo da memória; Ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Memória e sociedade*, São Paulo: Campanha das Letras, 1994.

CAIXETA, Vera Lúcia. *Médicos, Frades e Intelectuais: Leituras sobre os sertões do Brasil Central (1882-1935)*. Curitiba: CRV, 2014.

_____. *Narrativas do contato: Frei Gil de Vilanova (o.p.) e os povos indígenas dos vales dos rios Araguaia e Tocantins (1888-1896)*.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. *O Homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso Histórico*. Revista Multidisciplinar da uniesp. Edição 6, Dez/2008. Acessado 2016, p. 73-82.

CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*: Rio de Janeiro, Vozes, Ed. 8ª, 2002.

_____. *A Escrita da História*: Ed. 2, Forense Universitário, Rio de Janeiro, 2010.

COLEÇÃO MEMÓRIA DOMINICANA. Juiz de Fora, s.d.

DEL PRIORE. Ritos da Vida Privada. In: SOUZA, Laura de Mello e. (Org.) *História da Vida Privada no Brasil*. Vol.1. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p.275-330.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos Moribundos. Seguido de envelhecer e morrer*, Rio de Janeiro, Zahar, p. 9, 2001

GOFF, Jacques Le, *Historia e Memória*, São Paulo, UNICAMP, p. 419, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LEMOES, Carolina Teles. *Religião, Gênero e Sexualidade: o lugar da mulher na família camponesa*. Goiânia, UCG, 2005.

KULER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*: São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, Ed. 3ª, 1989.

MACHADO, Carlos Alberto. *Cuidar dos Mortos*. Instituto de Sintra, 1999.

MARZAL, Manuel M. A vida quotidiana das Índias (século XVII e primeira metade do século XVIII). In: DUSSEL, Enrique (Org.) *Historia Liberationis: 500 anos de História da Igreja na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1992, p.107-122.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória, a cultura popular, revisitada*. São Paulo, p. 19, 1994

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. *Quis ut Deus: as irmandades de São Miguel e Almas na Capitania de Goiás*. In: FEDRIGO, F. de S.; OLIVEIRA, F. C.; MARLON, S.:(Orgs.). *Escritas da História: política, identidades e imaginários*. Goiânia: UCG, 2009.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello (Org.) *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. Vol.1. São Paulo: Cia das Letras, p.155-220, 1997

PORTELLA, Rodrigo. A (re)significação da religião no cotidiano: novos enfoques para uma antiga prática. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.14, n.10, p.1811-1831, 2004

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.) *História da Vida Privada no Brasil*. V.2. São Paulo: Cia das Letras, p.95-142, 1997.

_____. *A morte é uma festa*:

SANTOS, Edivaldo Antônio dos. *Os dominicanos em Goiás e Tocantins (1881-1930): fundação e consolidação da missão dominicana no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 1996.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SOBRAL, José Manuel. *Memória e Identidade Nacional: considerações de carácter geral e o caso português*. Instituto de Ciencia sociais da Universidade de Lisboa, disponível, www.ics.ul.pt, acessado, 2004, p. 2-33.